

dmd

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas
2011

Ano LVII Mensile
n. 9/10 Setembro/Outubro

Poste italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
D.L. 353/2003
(conv. In L. 27/02/2004 n. 46
Art. 1, comma 2 – DCB Roma

TESTEMUNHAS

NAS

PERIFERIAS





Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
E-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável
Mariagrazia Curti

Redação
Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas • Mara Borsi • Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello • Anna Condò • Emilia Di Massimo • Dora Eyllenstein • Laura Gaeta • Bruna Grassini • Maria Pia Giudici
Palma Lionetti • Anna Mariani • Adriana Nepi • Louise Passero • Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Paola Pignatelli • Lucia M. Roces • Maria Rossi • Bernadette Sangma • Martha Séide

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud
japonês - inspetoria japonesa
inglês - Louise Passero
polonês - Janina Stankiewicz
português – Maria Aparecida Nunes
espanhol - Amparo Contreras Alvarez
alemão - inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96
Filial de Roma – n. 9/10 setembro-outubro de 2011 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via
Umbertide 11 00181 Roma

Tradução para a Língua Portuguesa

SUMÁRIO

EDITORIAL	Lugares de fronteira	04
-----------	----------------------	----

DOSSIÊ	Testemunhas nas periferias	05
--------	----------------------------	----

Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos

PASSO A PASSO	Gestos humildes de bondade	09
---------------	----------------------------	----

RAÍZES DO FUTURO	Eventos centenários	11
------------------	---------------------	----

AMOR E JUSTIÇA	"... vós me acolhestes"	12
----------------	-------------------------	----

FIO DE ARIADNE	Paciência e audácia	14
----------------	---------------------	----

Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

CULTURAS	No mosaico da Europa	18
----------	----------------------	----

PASTORAL	Qual o caminho para a felicidade?	19
----------	-----------------------------------	----

MULHERES NO CONTEXTO	As mulheres nas estradas de hoje	21
----------------------	----------------------------------	----

NOSSA TERRA	Água, bem comum	23
-------------	-----------------	----

TESTEMUNHAS DIGITAIS	Caminhos e atalhos do continente digital	23
----------------------	--	----

Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia

DE PESSOA PARA PESSOA	Em busca da felicidade	25
-----------------------	------------------------	----

VÍDEO	O discurso do rei	26
-------	-------------------	----

ESTANTE	Resenha de vídeos e livros	27
---------	----------------------------	----

LIVRO	Há crocodilos no mar	29
-------	----------------------	----

CARTA DE UMA AMIGA	A magia das palavras	31
--------------------	----------------------	----

EDITORIAL



Lugares de fronteira

Giuseppina Teruggi

Quando eu era jovem estudante, tocou-me e me fascinou a expressão de uma professora que repetia: "A pessoa não vive aquém ou além do limite. Vive *no* limite". Uma verdade densa de significado. Uma orientação para um estilo de vida. Para ultrapassar o mito do "super-homem", para ficar consciente de seu ser criatura.

Limite. Fronteira. Periferia... Um repórter-escritor do século XX, Ryszard Kapucinski, das periferias de sua Polônia, sonhava com o além. «Um mistério e um silêncio pelos quais eu era atraído e intrigado e sempre tentado a descobrir o que se passava do outro lado. Perguntava-me o que se poderia experimentar ao atravessar uma fronteira...». Para o grande escritor polaco, os confins não eram tanto uma geografia, quanto um desejo, um instinto, às vezes uma ação. Desejo de atravessar o limite, mas também de habitar por lá.

Este número da Revista vai propor algumas reflexões sobre ser *testemunhas nas periferias*. Não só as geográficas: mas as que exprimem minoria, espaço para o essencial, lugar das pobreza que ninguém gosta de alcançar. Hoje, cada vez mais, somos desafiadas pelas exigências de uma vida religiosa que seja confiável e que se exprima na radicalidade: mulheres chamadas a sair das seguranças, das escolhas cômodas. A profecia para o nosso tempo é um estilo de vida que acolhe e aceita entrar, não de modo resignado, mas consciente "no *deserto*, onde não há ninguém; na *periferia*, onde não há nenhum poder; na *fronteira*, onde os riscos de todo tipo são maiores".

É o tipo de vida religiosa que ainda fascina muitas, muitos jovens. Aqueles jovens cansados de promessas vazias, de buscas extenuantes de prazer e de sucesso. Uma vida que opta pelo ser: entre o povo, onde a necessidade é urgente e a alegria não chega. Permanece ao lado dos últimos, longe da popularidade. É uma vida feliz que perfuma e dá sabor, como a "pitada de sal" que dá gosto.

Sentir-nos interpeladas por este chamado exige a coragem da decisão: *Toca a mim!* Não contam os anos, o nível de cultura, o papel que se desempenha. Dom Bosco e Maria Mazzarello continuam a nos contagiar com a paixão de um coração abrasado, que impulsiona para os espaços da pobreza, do abandono, das periferias, das fronteiras. Hoje, também em direção às fronteiras do mundo digital: lá encontramos os jovens, habitantes de um novo e desconhecido continente, a ser totalmente explorado.

Testemunhas nas fronteiras, nas periferias. Mulheres sempre em viagem: grandes viagens, pequenas viagens, "como aquelas que nos levam de pessoa para pessoa, superando barreiras e limites".

gteruggi@cgfma.org

Testemunhas nas periferias

Graziela Curti, Maria Antonia Chinello

Limites. Margens. Fronteiras. Periferias. Metáforas que dizem mobilidade, desinstalação, atravessamento. Periferia não como exclusão, mas como permanência, viagem de humanização e evangelização. Testemunhas nas e das periferias. Porque «o Senhor está com os pobres, com os pobres de coração, com os humildes e, sobretudo, com quem ama e pode dar». (João Batista Montini)

Periferias e periferia

Nunca como hoje, em todas as latitudes, as periferias grudadas às cidades, estão se tornando, cada vez mais, sinônimo de violência, raiva, degradação. Explosões e implosões, queimam e se alargam. As crônicas ocupam as páginas dos jornais com análises impregnadas – na maior parte dos casos – de catastrofismos baratos e precipitados: ameaça islâmica, morte do multiculturalismo, revolta religiosa, convivência impossível, e muito mais do que isso. Imagens estereotipadas de mundos esquecidos, mas próximos, mais do que se pensa. A atualidade fala de droga, criminalidade, mas também de resistência e resiliência.

As periferias, para quem é capaz de enxergar, são realmente espaços de futuro, laboratórios de empreendimentos, de olhares que percorrem e abraçam para além das linhas divisórias, dos muros de separação, dos arames farpados, com os quais se circunscrevem, na cidade, as propriedades privadas. Na periferia, inventa-se, muda-se, experimentam-se novas formas de sobrevivência. Ao lado do ódio e da violência, há fermentos de solidariedade e de dignidade. De esperança. Escreve Padre Kizito Sesana, comboniano, há anos “cidadão” em Riruta, periferia de Nairobi: «A periferia, para quem crê e quer deixar-se renovar, é o encontro com Deus, que não retém nada para si, que vem de baixo, que te olha com os olhos dos pequenos, que te fala com a voz das prostitutas, que te abençoa com a voz do velho que está para morrer. Nas periferias está quem nada tem a perder, e aposta a vida inteira num só número, empenhando toda perseverança e criatividade que possui».

A Boa Notícia nos cruzamentos das ruas

«Tu, divino Viandante, especialista em nossas ruas...». João Paulo II, no ano da Eucaristia nos havia convidado a rezar assim, com a invocação que os discípulos de Emaus haviam dirigido ao desconhecido, que se fizera seu companheiro de viagem. Dois peregrinos e um Senhor. A caminho. O nosso Deus não se cansa de percorrer os caminhos dos homens.

João, no seu Evangelho, comenta que os discípulos fixam o olhar «em Jesus que passava». Passar. Um verbo que chega até nós e que fala dos lugares a serem transitados: o rio Jordão, a casa, fora do templo, além dos muros da cidade... pois, é assim que Cristo entra em cena numa tarde ensolarada. Ele é “Aquele que vem”, que passa pelas estradas de todos. Mas, ainda existe alguém que o indique? Que perscrute a sua passagem? Que semeie a suspeita de que, ainda hoje, ele passa pelo cotidiano mais cotidiano? «O Senhor passa por todos os caminhos, não desprezemos os caminhos. Mas se o nosso olhar for superficial, apressado, não vamos perceber isso. E não nos iludamos, é este o outro possível mal-entendido, não nos iludamos de ter olhos penetrantes em Deus, se não tivermos olhos penetrantes na vida. Se você for distraído com relação à vida, será distraído com relação a tudo, até mesmo com Deus» escreve Dom Ângelo Casati, que gosta de se definir como “um pároco de cidade”.

A passagem de Jesus abre à pergunta e ao convite: «A quem buscais? Vinde e vede». Do olhar à busca, da indicação à escuta, do seguimento ao ficar. Um itinerário para uma vida consagrada madura, encarnada e profética, que vive lado a lado com Deus. Que escolhe pôr-se ao lado de

tantos “sul” do mundo: do ser mulher, da infância e da velhice, da pobreza, do espaço e do tempo.

Uma vida religiosa que, graças à radicalidade do seguimento também manifestada no exercício dos conselhos evangélicos, está presente no *deserto*, onde não existe nenhum outro, na *periferia*, onde não há nenhum poder mas apenas impotência, na *fronteira*, onde os riscos de todo tipo são maiores, também pelo imobilismo na denúncia enérgica das estruturas de pecado.

Pensar em modalidades de ser mais novas e penetrantes no meio do povo, nos bairros, no mundo do abandono e no doloroso horizonte da degradação humana e moral, deixar-se interpelar pelas situações que somos chamadas a enfrentar, é escolher a minoria como modalidade de ser.

À luz das grandes mudanças, não podemos continuar esgotando os nossos esforços, para pensar exclusivamente nas problemáticas internas do nosso Instituto: se esses problemas se tornam nossa única preocupação tornam-se, também, as nossas areias movediças. «O homem – escreve Silvano Fausti, biblista e escritor – necessariamente movimenta-se, se não estiver morto. A questão é se ele se movimenta fugindo e divagando sem rumo, ou se vai numa direção aonde deseja realizar a própria vida». Se a meta for esta última, aprenderá a pegar o pão e reparti-lo, «não pegá-lo para possuir e privar os outros ou para roubar, mas pegá-lo como dom».

Decidir-se pela periferia, então, não é tanto mover-se do centro da cidade para as zonas mais populares: o movimento necessário é passar do centro do poder para as margens da partilha, da comunhão.

“Ficar” com a minoria evangélica

A escolha da minoria é experiência pascal, êxodo vital, conversão conscientemente desejada, e não tanto mudança súbita de marcha.

Num tempo em que, como religiosas, corremos o risco do desânimo, porque os tempos se fazem longos, porque a busca de novos modelos organizativos e de administração requer doses de paciência e fraternidade de longo alcance. Pergunta-se, se é para ser místicas ou proféticas, se é o momento de resistir aos tempos difíceis ou ajudar, com um pouco de desencanto, o esforço da luz na luta contra as trevas, se se deve passar das “estufas” de calor para o frio das intempéries, da clausura para as ruas, da segurança do manto para a leveza das sandálias, que recolhem o pó da estrada.

Ficar à margem, longe do centro, morar na periferia: compreende-se bem que não é tanto, ou apenas, uma opção geopolítica, mas sim a escolha a partir de um ponto de vista, de uma modalidade de conhecimento do mundo, de incremento do ser. Escreve, a este propósito, Dietrich Bonhoeffer: «Continua a ser uma experiência de excepcional valor o ter aprendido enfim a olhar para os grandes eventos da história universal a partir de baixo, na perspectiva dos excluídos, dos suspeitos, dos maltratados, dos impotentes, dos oprimidos e dos escarnecidos, em uma palavra, dos sofredores».

Para nós, religiosas, é necessário entender o sentido de uma escolha de minoria e viver o valor da marginalidade: «Quem vive uma esperança religiosa deveria ter claro o valor da marginalidade».

Ficar onde se está, sem a ambição de se tornar ou de permanecer poderosos no mundo, sem ter medo de ser expropriados. Estar no mundo sem pertencer ao mundo.

Não é com a ambição do poder impositivo, que se prestará serviço àquilo em que se crê. E não é salvando a própria centralidade que se salvará a própria vida. Ocorre, porém, a esta altura, questionar-se sobre o que significa ter fé ou não tê-la, crer em Deus ou crer nas outras coisas, ou não crer em nada», escreve Gabriela Caramore, uma jornalista italiana.

Uma sequência do esplêndido filme de Xavier Beauvois, *Homens e deuses (Des hommes et de Dieux)*, apresentado em setembro do ano passado no Festival de Cannes, quando obteve grandes elogios da crítica e do público e venceu o Grande Prêmio do Juri e o Prêmio do Juri Ecumênico, vem em nossa ajuda como síntese eficaz do que significa, ainda hoje, fazer a escolha do testemunho nas periferias e na marginalidade.

Argélia, 1996. Oito monjes trapistas franceses vivem no mosteiro de Tibhirine, entre os montes do Maghreb. Cercados pela população muçulmana, vivem uma existência serena, dividindo o seu

dia entre a oração, o trabalho nos campos, a ajuda voluntária num ambulatório, também com a distribuição de gêneros alimentícios e roupas para os mais necessitados, que chegam de lugares distantes. O clima político e social do entorno é tenso pelo aumento dos confrontos entre facções rebeldes fundamentalistas islâmicos e o exército. A tensão e a incerteza se fazem palpáveis quando chega a notícia da matança de um grupo de operários estrangeiros. A partir daquele momento as ameaças se fazem verdadeiramente sérias. O convite das autoridades argelinas ao Padre Christian e aos seus monjes é peremptório: devem se afastar, deixar o País e voltar para a França. Os monjes se reúnem várias vezes para discutir e discernir “o que fazer” e, também, falam sobre isso com o imã da aldeia, que os interroga: «Mas por que deverão partir? A nossa proteção são vocês, pois, esta aldeia cresceu com o mosteiro. Somos como passarinhos sobre um ramo». E uma mulher insiste: «Os passarinhos somos nós, os ramos são vocês. Se vocês partirem, onde pousaremos?». A decisão final é a de permanecer: «Nossa missão aqui é ser irmãos de todos» lembra Christian. E Padre Christophe, o mais jovem da comunidade, depois de um sofrido discernimento, ilumina os irmãos sobre o sentido profundo de sua permanência, até o martírio se necessário: «Que Deus prepare aqui a sua mesa para todos. Amigos e inimigos». Certa noite, desconhecidos entram no mosteiro e prendem o monges. Dois ficam. Os outros sete não voltarão mais. Em uma entrevista na revista *Testemunhas*, Padre Pierbattista Pizzaballa, ofm, Guardião da Terra Santa, confirma este ponto de vista: «Aqui sempre somos minoria. Então, o nosso papel não é ficar no centro das atenções, mas dar testemunho vivo. Guardar o Santo Sepulcro não é só ficar parado naquele lugar, rezar, mas é, também, preservar a memória do perdão, que está na Cruz».

Como mulheres, nós nos colocamos ao lado dos jovens, dos últimos, dos esquecidos, nas encruzilhadas da vida, com uma mão sobre o jornal e a outra sobre a Bíblia. Alcançamos, pela oração e contemplação da Palavra de Deus, coragem e força, para escolher responsavelmente o caminho que nos leva ao serviço da vida, da vida em abundância. Para quem quiser experimentar, as fronteiras não são linhas, mas espaços onde também se faz a experiência dos limites dos outros. Não “terra de ninguém” nem “meio termo”, mas “terra de mais de um” na qual compartilhar o sofrimento e multiplicar as alegrias do outro, para além das próprias.

A profecia escondida

Muitas congregações e institutos religiosos, tanto masculinos como femininos, nos últimos dez anos procuraram estar presentes e testemunhar nas periferias da história e das cidades. Tal opção foi assumida junto com os sofrimentos e os esforços de um discernimento sobre a pluralidade dos horizontes de vida, que se abriam com tais decisões. Foram enfrentadas as incógnitas das novas missões apostólicas; foram procuradas e experimentadas novas formas de vida mais simples, inseridas em contextos sociais difíceis, de extrema pobreza moral, econômica, social.

O resultado, também para o nosso Instituto, foi o multiplicar-se de pequenas comunidades, sobretudo urbanas, à procura de formas de vida mais fiéis ao Evangelho e sensíveis aos “sinais dos tempos” e aos “sinais dos lugares”, acompanhado pela dolorosa tomada de consciência, como cristãs (e religiosas), de terem se tornado uma “minoría” numa sociedade marcada pela indiferença.

Hoje, com pesar, constata-se que a vida religiosa nem sempre é acolhida na sua essência de ser “a vida passada a limpo, do Evangelho” e a possibilidade de um seguimento concreto, por toda a vida, do Senhor Jesus.

Enzo Bianchi, monge da Comunidade de Bose, convida a pôr-se, com coragem, perguntas simples para verificar onde nos encontramos e por onde caminhamos: «Nessas décadas de renovação, a vida religiosa procurou ser aquilo que a sua vocação lhe pede, ou seja, memória viva do Evangelho? Procurou ser na Igreja o lugar que indica de modo límpido, na medida da possibilidade humana, a cruz e a sua eficácia? Soube cuidar daquele núcleo irrenunciável que consiste no seguimento de Cristo, procurando viver como o homem Jesus viveu? Soube, nesse clima de secularização dominante, não secularizar-se e, todavia, tentar entrar seja como for em comunicação com aquela humanidade nova que já desponta nos horizontes da história?».

Perguntas inquietantes e urgentes: a vida religiosa é exegese viva da vida de Jesus? Só se for tal, de fato, será também profética e portadora de uma palavra a ser anunciada em um contexto eclesial e social como o atual.

Testemunhas vivas de um amor sem limites

O que comporta, para nós FMA, viver na ótica da minoria em uma sociedade ferida pelas migrações e pela violência, por uma economia em crise e um empobrecimento generalizado, pela precariedade e pela incerteza sobre o futuro, sobretudo para os jovens?

Viver o presente porque todos os desafios estão no presente e só na fidelidade a este presente eles podem ser enfrentados.

Também na nossa tradição há este contínuo apelo ao cotidiano, que é um forte componente evangélico. Todos os dias, dizemos «Dai-nos hoje o pão cotidiano» só aquele do dia, essencialmente.

Paciência como uma paixão, como uma alternativa para a posse. É um estilo de vida realmente diferente do estilo da sociedade contemporânea do tudo e imediato, de quem não sabe mais esperar, de quem se impõe com arrogância e carreirismo, de quem tem mil seguranças. Aceitar não entender imediatamente. Focar o ser com uma presença atenta. Ficando com, floresce a máxima dinamicidade. Quem sabe parar é capaz de refletir, de ter paciência, de ir à raiz das coisas, não deixando escapar as experiências da existência.

O estilo da simplicidade como antídoto ao ídolo da facilitação que fascina as jovens gerações e que deve caracterizar toda a nossa vida: desde os projetos pessoais e comunitários até a oração; desde a organização até os relacionamentos.

Passar da *facilitação* à simplicidade para enfrentar as asperezas da vida.

O desafio da violência que nos ameaça transversalmente. E não somente a violência absurda da guerra preventiva, mas a que está presente nas biotecnologias, no trabalho, no esporte, na pressa, na velocidade da informação, na economia liberal, na família e nas religiões.

Estar atentas, isto é, ler com paciência os eventos, torna-se um ato que nos transforma de expectadores em protagonistas.

Se somos educadoras, somos chamadas a um novo magistério, a não caminhar distraídas, na história, mas a interpretar, como Maria, os acontecimentos, fazendo-nos ajudar também pelos leigos, estudando.

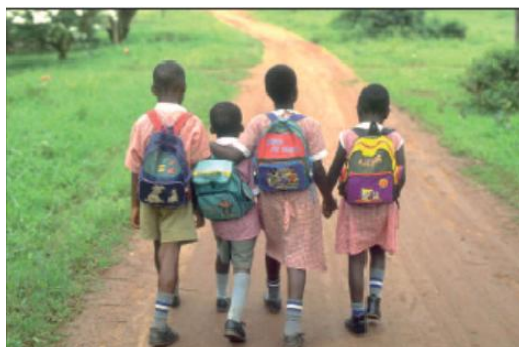
É típico de quem é pobre pedir ajuda, antes de tudo a Deus e depois à comunidade.

Cada evento é um anúncio e não podemos deixá-lo passar em vão pela nossa vida.

Deus se manifesta e nos fala através dos acontecimentos. Jesus está presente no meio de nós, na comunidade, na história e, especialmente, no irmão e na irmã mais abandonados. O Espírito habita em nós e nos conduz, no mais profundo do nosso coração, por caminhos reais e concretos em nossa vida. Este é o nosso modo de estar no mundo: o eu que encontra o tu, o eu e o tu que se esfregam como a lenha e que fazem fogo vencendo a noite.

Como dizia Teilhard de Chardin: «Você quer encontrar Deus no reino de Deus? Então, ligue-se profundamente à terra».

Vale dizer que o modo que nos é dado para sermos fiéis ao eterno é sermos fiéis ao tempo.



Um nômade da história

Ryszard Kapuscinski é um jornalista de origem polaca falecido em 2007, que conquistou um lugar na história do jornalismo do século XX com seu trabalho de repórter da África, da América, da Ásia. Seu olhar é um olhar profundo sobre o ser humano. Desejava que os protagonistas dos seus livros e de suas reportagens estivessem em primeiro plano, enquanto ele se contentava em permanecer em segundo plano, como simples narrador de histórias vistas de perto.

«Na realidade, nada me impediria de escolher Ikoji, tranquilo e luxuoso bairro de ricos nigerianos, europeus e diplomatas. Mas trata-se de um lugar artificial, muito exclusivo, fechado e protegido. Eu quero morar numa cidade africana, numa rua africana, numa casa africana, caso contrário, como posso conhecer esta cidade, este continente? [...] Mas eu havia decidido e não queria ouvir razões. Talvez, também porque, eu as encontrava naqueles que, assim que chegavam, estabeleciam-se na “Pequena Europa” ou na “Pequena América”, ou seja, nos hotéis de luxo, e partiam novamente gabando-se de terem estado na África, realidade da qual não haviam visto absolutamente nada».

«Quando comecei a falar daqueles lugares, onde a maior parte do povo vivia na miséria, percebi que havia encontrado o tema ao qual queria dedicar-me. Falava também por motivos éticos, porque os pobres, geralmente, ficam calados. A miséria não chora, não tem voz. A miséria sofre em silêncio. A miséria não se rebela. Os pobres se insurgem apenas quando esperam poder mudar alguma coisa. Geralmente eles se enganam, mas só a esperança é capaz de induzir o povo a agir [...] Dado que este povo nunca será capaz de se rebelar, é preciso que alguém fale por ele. É uma das obrigações morais que responsabilizam todos os que se ocupam desse setor infeliz da família humana, composta por nossos irmãos e irmãs que, infelizmente, vivem na miséria e não têm voz».

m.curti@cgfma.org, mac@cgfma.org

PASSO A PASSO

Gestos humildes de bondade

Mônica Menegusi



“Eu quero ir com vocês para a América”, é a expressão simples e sentida de Madre Mazzarello às suas filhas que partiam com a terceira expedição missionária. São palavras que refletem uma maternidade gerada pelo Espírito Santo, consciente da sua mediação de comunhão, desejosa de confirmar os vínculos, na certeza de permanecerem fundadas na aliança comum com o Deus dos encontros.

Na foto com as missionárias da terceira expedição, Madre Mazzarello segura a mão daquela que parte como responsável da expedição. É uma mão que não retém para si, mas comunica confiança, segurança, coragem. No “gesto”, pode-se ler uma atitude materna de ternura e força, de aproximação e desapego, de acolhida recíproca e de envio, como se quisesse exprimir materialmente o anseio “te acompanharei sempre” das suas cartas.

Madre Mazzarello, não pensando em sua saúde, acompanha as missionárias, primeiro a Turim e depois, a Gênova. Lá embarca com elas e vai para Marselha a fim de visitar as Irmãs de Saint Cyr. A quem procura dissuadi-la de fazer esta viagem com suas péssimas condições de saúde,

responde: *"Vocês vão para a América, por que eu não posso acompanhá-las durante um trecho do caminho? Deixem-me fazer assim, isto me consola"*.

A Madre acompanha as irmãs, uma por uma, recebe-as confidencialmente e deixa por escrito alguma lembrança especial para aquelas que, antes de partirem para as missões, o pedem com insistência. As cartas 64, 65 e 66 demonstram seu coração materno inteiramente doado às suas filhas. As Irmãs Giuseppina Paccotto, Ottavia Bussolino e Ernesta Farina desejavam levar consigo os preciosos conselhos e a Madre as contenta.

Estas irmãs não tinham formação específica senão aquela de haver compartilhado a intensa experiência de Mornese e Nizza. A Madre, através de um escrito breve e sistemático lhes dá algumas linhas essenciais a respeito do modo de continuar o próprio caminho de crescimento. Para elas será um programa que acompanhará toda a sua vida.

Ir. Giuseppina Paccotto pertence à "comunidade das origens". Na história do Instituto o modo com que Madre Mazzarello deu à Ir. Giuseppina a obediência de diretora, durante um recreio, enquanto brincavam de esconde-esconde, é exemplo de familiaridade mornesina.

Em janeiro de 1881, a Madre, que já não estava bem de saúde, chama Ir. Giuseppina e lhe propõe a partida para a América, em substituição à Ir. Enrichetta Sorbone. Madre Mazzarello sabe que lhe pede um grande sacrifício, com este desapego e, para fazê-la compreender que a partida não podia ser adiada, procurou consolá-la dizendo-lhe que, mesmo se ficasse em Mornese o desapego seria inevitável porque ela estava para morrer. Ir. Giuseppina compreendeu a confiança da Madre e permaneceu em silêncio, preparando-se para a partida.

A confiança absoluta em Jesus e Maria trabalhando continuamente na sua presença, a atitude evangélica da humildade e a vigilância sobre si mesma e sobre aquelas que lhe seriam confiadas, o cultivo da transparência nas relações interpessoais e a clareza nas motivações, são as recomendações que Madre Mazzarello dá à Ir. Giuseppina Paccotto na carta número 64.

Ir. Ottavia Bussolino entrou no Instituto em 1879 e percorreu rapidamente as etapas formativas, de modo que, no dia de sua primeira profissão fez também sua profissão perpétua. Em Turim, durante os estudos, também ela alimentava o grande desejo de partir para as missões na América. Depois de pouco tempo na Argentina e apenas com 20 anos de idade, tocará a ela suceder, como Visitadora, Madre Maddalena Martini. Ir. Ottavia recebeu com coragem e confiança o peso dessa responsabilidade. A Madre lhe escrevia: *Não desanime diante das dificuldades; receba tudo das mãos de Jesus; coloque sua confiança Nele...* (carta 65, 1). O seu impulso autenticamente missionário levou-a a comprometer-se com novas fundações em outros países como o México, a Colômbia, o Peru e a Bolívia, onde se distinguiu como *a mulher do olhar profundo* porque enraizada em Deus, enérgica e decidida, austera consigo mesma e dinâmica.

Ir. Ernesta Farina foi do primeiro grupo que embarcou para a América do Sul, com destino a La Boca – Buenos Aires. Madre Mazzarello, junto com Madre Emília Mosca, acompanhou-as até o navio, não as deixou enquanto não as viu bem acomodadas e, depois de tê-las recomendado ao comandante de bordo. Ir. Ernesta, entre lágrimas, contou algumas piadas para desdramatizar a dor da partida, e ganhou um presente: "A Madre – diz – desapegou-se do seu relógio para dá-lo a mim". A vida de Ir. Ernesta, em seguida, será percorrida pela dor. A provação da fraqueza física colocou-a na escola da humildade, que Madre Mazzarello já lhe havia recomendado: "faça-a sua amiga". Abraçou com serenidade a cruz, e experimentou em primeira pessoa as palavras proféticas da Madre: *é a mão de Deus que trabalha em vocês. Sem Ele não somos capazes senão de fazer o mal*. (carta 66, 2). No curso de sua vida salesiana deixou Deus fazer tanto que no final da vida podia dizer: *O Senhor está comigo e isso me basta!*

Hoje, o confronto com as origens e a constatação realista da precariedade das nossas relações humanas, muitas vezes funcionais e provisórias, interpela cada uma de nós.

Madre Mazzarello, hábil na arte de criar vínculos, encoraja-nos a voltar ao essencial para aprendermos a confiar e a abrir espaço humano ao outro, a ter tempo e formas de encontro, de escuta e comunicação vital, a celebrar o cotidiano para dar qualidade à convivência, a gerar vínculos livres e abertos, profundos e estáveis, desinteressados e amáveis próprios de um coração de mulher, irmã e mãe.

monicamlmcfma.org

Eventos centenários

Piera Cavaglià

23 de junho de 1911



Nessa data iniciava-se na Diocese de Acqui o processo de beatificação de Maria Domingas Mazzarello. Fazia trinta anos de sua morte e o afeto por ela era vivo. Sobretudo a lembrança das suas virtudes extraordinárias não se desvanecia com o tempo. Antes... recorria-se a ela com confiança e experimentava-se a eficácia da sua proteção. Principalmente Mons. Giovanni Cagliero e Padre Giacomo Costamagna estavam fortemente convictos da sua santidade. A figura de Madre Mazzarello era amada e admirada, também fora do Instituto.

Na circular de 15 de novembro de 1909, Madre Caterina Daghero comunicava que “por um competente conselho” seria logo iniciada a Causa, e enviava um Mólulo especial para a coleta das informações.

Em 1910 chegava a Nizza Padre Ferdinando Maccono como capelão das educandas e das oratorianas, que já havia recebido de Dom Rua o encargo de escrever uma biografia documentada de Maria D. Mazzarello, em vista da Causa. A biografia saiu em 1913. Madre Daghero, no dia 15 de maio de 1911 anunciava na sua circular que, naquele ano, trigésimo ano da morte de Madre Mazzarello, começaria a causa.

Na circular de 17 de maio de 1912 anunciava-se que logo seria enviada para todas as comunidades a primeira imagem oficial da Madre

Em 23 de junho de 1911, na Diocese de Acqui, iniciava-se o Processo informativo. A circular de 24 de junho de 1911 comunicava a notícia a todo o Instituto. A partir do mês de outubro teve início a publicação periódica de uma circular que informava a respeito do andamento da Causa, dava relações de graças e difundia o conhecimento da Madre (cf CAPETTI G., *O caminho do Instituto* III 61-63).

7 de setembro de 1911

A nossa história – como a de todo Instituto religioso – não é só caracterizada pela ação carismática e organizadora do Fundador e da Cofundadora, mas também pelas etapas canônicas e institucionais que seguiram o processo de fundação.

A história da aprovação do Instituto – que culmina com a aprovação pontifícia em 7 de setembro de 1911 – compreende um período de cerca de 35 anos: desde 23 de janeiro de 1876, data da aprovação diocesana das Constituições do Instituto FMA pelo Bispo de Acqui, mons. Giuseppe Maria Sciandra, até 7 de setembro de 1911, data definitiva da aprovação pontifícia.

Em 1876 a aprovação diocesana das Constituições era para Dom Bosco e para o Instituto das FMA uma garantia de fecundidade apostólica e de uma difusão geográfica do carisma mais vasta. No momento da aprovação, as FMA eram 40, as Noviças 43 e as casas, duas.

Dom Bosco considerava o Instituto parte integrante da congregação salesiana, as FMA irmãs e filhas de uma grande família, unidas a ele e aos Salesianos com o mesmo compromisso pela educação da juventude.

Então, as FMA eram, até 1911, uma Congregação de direito diocesano, mas agregada a uma Congregação de direito pontifício. Depois das Normas de 1901 distinguiu-se claramente a aprovação pontifícia da diocesana.

A aprovação pontifícia do Instituto

Ir. Giselda Capetti, no volume citado, no capítulo sobre a aprovação pontifícia, escreve: «Um fato tão importante que chegou, pode-se dizer, de surpresa» (p. 65).

Não se havia feito pedido algum à S. Sé, mas esperava-se o documento. O Decreto traz a data de 7 de setembro de 1911. Padre Paolo Albera comunicou-o à Madre Daghero com a carta de 1º de janeiro de 1912 (Cf AGFMA 412.2/111).

*Revma. Madre Geral. A primeira carta que escrevo em 1912 é destinada a dar-lhe uma notícia muito consoladora. Aqui vai junto, o **decreto de aprovação da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora**. Desde a primeira vez que tive em mãos as Constituições da sua Congregação, lamentei por não encontrar nelas uma palavra de aprovação. Por isso, pareceu-me oportuno pedir a Roma um documento que, impresso no livro das Constituições, pudesse assegurar a todos, mas especialmente aos Bispos, que o seu Instituto está totalmente em ordem. Tenho o prazer de enviar-lhes hoje mesmo este documento. Peço ao Senhor que as boas Filhas de Maria Auxiliadora, conservando fielmente o espírito do Fundador, mostrem-se sempre mais merecedoras da confiança que puseram nelas o Vigário de Cristo e os Cardeais que compõem a S. Congregação dos Religiosos.*

Agora [...] não há outra coisa a fazer senão seguir aquele caminho que a Igreja traçou. [...]

Recomendo-me, todavia, às suas fervorosas orações e me professo com todo respeito

Af.mo em Jesus e Maria Sac. P. Albera

No texto do Decreto, lê-se: «O Instituto das FMA foi aprovado pela Sé Apostólica da mesma forma como se fosse adornado pelo decreto de louvor (*Decretum laudis*) e pelos outros decretos habituais que segundo a praxis da S. Congregação costuma-se conferir...» (*Decretum* N. 5139/10 – 8 de setembro de 1911).

Tanto a santidade de Maria Domingas quanto a aprovação pontifícia do Instituto são para nós eventos de graça que projetam o Instituto para vastos horizontes eclesiais. A santidade da primeira FMA não é um dom para nós, mas é patrimônio e riqueza da Igreja. Assim, a aprovação pontifícia contribui para reforçar nas educadoras salesianas a consciência de realizar no tempo e no espaço a missão de Cristo, que se prolonga no seu Corpo místico pela salvação do mundo, em particular dos jovens. Em toda parte somos “presença de Igreja”, sinal vivo de comunhão, espaço da fecundidade do Espírito, hoje.

pcavaglia@cgfma.org

AMOR E JUSTIÇA

«... vós me acolhestes»

Martha Séide

A mobilidade humana é um fenômeno que pertence à natureza da pessoa e marca por milênios a história da humanidade. Tal fenômeno, voluntário ou forçado, é tão vasto e dramático nos nossos dias, a ponto de já ser um desafio, um “sinal dos tempos” que não cessa de nos interpelar.

Segundo Gianni Nobilli, missionário comboniano, os fluxos migratórios, hoje, são um fenômeno estrutural, que envolve tanto os Países do Norte do Mundo quanto os do Sul; as pessoas se deslocam seja para o exterior seja para o interior dos continentes e dos Estados.

As causas da migração são variadas: pobreza econômica, fuga da guerra, da injustiça, das calamidades naturais, da perseguição étnica, religiosa e política, desejo de melhorar as próprias condições de vida, estudo, trabalho, saúde, negócios, turismo, etc.

A migração, por um lado, gera apreensão e reações de defesa por parte de países que se vêem “assaltados” por forças incontroláveis. Por outro lado, o povo está descobrindo que o encontro entre povos e culturas diferentes pode tornar-se um fato positivo para todos.

A Igreja, nos migrantes, tem contemplado sempre a imagem de Cristo, que disse: “*Eu era estrangeiro e me acolhestes*” (Mt 25, 35). Por isso, interpelada por esta situação, continua a convidar os cristãos a reservarem uma acolhida que seja expressão do amor para com o mesmo Jesus Cristo (Erga migrantes 12).

Os fatos falam

Segundo o programa de desenvolvimento da ONU, a mobilidade humana é vista como a capacidade das pessoas de escolherem o lugar onde querem morar. Tal capacidade configura uma dimensão da liberdade humana. Esta tese é confirmada quando se consideram algumas estimativas recentes, importantes, segundo as quais, cerca de 700 milhões de pessoas no mundo desejam migrar do seu País de origem (Gallup 2010). O fenômeno migratório foi desde sempre uma dinâmica que movimenta homens e mulheres rumo à realização de si, rumo ao cumprimento do próprio destino. As experiências que seguem são um pequeno exemplo de um elenco inumerável de histórias que ilustram bem esta realidade.

Pensei que iria gastar no máximo uma semana no centro de Lampedusa (Itália), em vez disso, estou aqui há três meses, relata Mustafá, 35 anos, tunisiano, carpinteiro e hidráulico. Vendi casa e bens móveis para levantar 2.500 euros para a viagem, e confiei mulher e dois filhos a um cunhado, pelo sonho de encontrar um trabalho na Itália. Perdi tudo e arrisquei a vida para chegar até aqui. A ideia de precisar voltar é catastrófica. (cf <http://www.storiemigranti.org/>)

Aqui em Comalapa (México) não há mais trabalho, o preço do café e do milho estão em queda e o governo não faz outra coisa senão prometer, não desenvolve a indústria e não se apercebe de que daqui partem mensalmente 2.400 pessoas para os Estados Unidos, não se apercebe de que dependemos economicamente do dinheiro que nos enviam de lá”. Assim diz Joaquin López, mexicano, que tentou muitas vezes atravessar a fronteira (cf Comitato Chiapas).

Chamo-me Cheikh Ndiaye Touré, sou senegalês, mercador ambulante. Havíamos organizado esta viagem a bordo de uma piroga em direção às Canárias (Espanha) com o único objetivo de encontrar lá um trabalho que melhorasse as nossas condições de vida. Paguei 20.000 dalasis (740 euros) para fazer a travessia. Depois de cinco dias no mar, fomos sacudidos por uma ventania muito violenta que tornou impossível o nosso caminho. Apavorados, obrigamos o condutor da piroga a inverter a rota. O nosso sonho evaporou-se. Mas, se houver oportunidade tentarei a aventura novamente. Há outros, mais felizes do que nós que atualmente estão na Espanha. Por que não eu? (cf Association France Presse).

Às fontes do amor

A realidade das migrações que marcou profundamente a história de Israel e as primeiras comunidades cristãs encontra luz em Jesus Cristo. Também Ele experimentou a precariedade de uma condição de vida, que não conta com as seguranças de uma pátria; ele nasce e morre como um estrangeiro. Para Ele, o próximo é cada pessoa necessitada.

As orientações pastorais para as migrações na Igreja universal e local convidam os cristãos a viver a acolhida e a hospitalidade para com todos de modo particular para com o estrangeiro, como mostram os escritos evangélicos: «*Sede atenciosos na hospitalidade*» (Rm 12, 13); «*Praticai a hospitalidade uns com os outros; algumas pessoas praticando-a, acolheram anjos, sem perceber*» (Heb 13, 2).

mseide@yahoo.co

Toca a mim... toca a nós...

O migrante tem sede de “gestos” que o façam sentir-se acolhido, reconhecido e valorizado como pessoa. Em resposta a tal anseio, as pessoas consagradas são enviadas para educar antes de tudo os cristãos à acolhida, à solidariedade e à abertura aos estrangeiros, a fim de que as migrações se tornem uma realidade sempre mais “significativa” para a Igreja, e os fieis possam descobrir as sementes do Verbo inseridas nas diversas culturas e religiões (cf Erga migrantes 96).

Para que o encontro de povos diferentes não seja uma ocasião de tensão e conflitos, mas conduza a uma convivência harmoniosa, social e humanamente mais rica, faz-se necessária uma conversão da mente e do coração.

O que implica este processo de conversão em nível pessoal, comunitário e apostólico?

Se na vida de cada dia soubermos acolher o outro como um dom, as migrações também serão uma ocasião providencial para contribuir na construção de uma sociedade mais justa, de uma comunidade educativa mais acolhedora e mais evangélica.

Como a acolhida e o relacionamento são vividos em nossa comunidade educativa?

O fenômeno migratório implica a necessidade de um empenho mais incisivo para realizar sistemas educativos e pastorais, em vista de uma formação à “mundialidade”, à interculturalidade.

Quais são as experiências de educação intercultural presentes em nossa comunidade educativa? Identificar algumas perspectivas para crescer neste aspecto.

FJO DE ARJADNE

Paciência e audácia

Giuseppina Teruggi

«É preciso ter a coragem e a paciência de recomeçar sempre de novo», disse aos jornalistas Bento XVI, durante o voo aéreo para Chipre, em 2010.

A experiência diz mais do que as palavras, que existe uma conexão entre paciência, coragem, audácia. Os testemunhos de tantas mulheres e homens de todas as idades e de todos os tempos demonstram isso. São eles que nos indicam o percurso.

O meu nome é paciência

«Há quem diga que no paraíso Deus chama cada pessoa com o nome de uma virtude», escrevia a poetisa francesa Marie Noël (1883-1967), no seu Diário secreto. «Ele não poderá me chamar de Esperança: não esperei nenhuma alegria na terra nem no céu. Nem de Fé: eu não tinha certeza. Nem de Caridade: amei a Deus e ao próximo com parcimônia. Nem de Generosidade: eu contei, pensei, medi tudo. Nem de Zelo: não procurei conquistar. Nem de Pobreza: fiquei satisfeita com o meu bem-estar. Nem de Humildade: eu me comprazo com os meus pensamentos. Nem de Sinceridade: não sou verdadeira. Nem de Ciência: não tenho

memória. Nem de Piedade: não tenho ardor. O nome será o do asno: Deus me chamará de Paciência».

Hoje a paciência, mas também a sabedoria e a constância, não saem da moda. Na realidade, são características de pessoas grandes e humildes, que marcam a história. São qualidades nada 'populares', que não pertencem a todos. Cada qual, porém, é capaz de se formar, de se propor caminhos para torná-las estilos de vida, se acreditar.

A nossa sociedade propõe modelos frenéticos de vida: em geral, as pessoas não sabem esperar, querem tudo 'em tempo real', esbraveja quando está na fila e o outro não se apressa, lamenta-se de "não ter tempo". Refletir e, sobretudo, assumir um estilo de paciência pode parecer uma extravagância fora da história, típica de quem não tem muito a fazer. No entanto, um escritor célebre, Honoré de Balzac, em uma das três histórias das ilusões perdidas (1837-43) afirma: «A paciência é aquilo que no homem mais se assemelha ao procedimento que a natureza usa nas suas criações». Para uma gestação a mãe espera nove meses. Para escrever uma obra-prima são necessários muitos anos. Para construir uma catedral são necessárias décadas. Para plasmar uma personalidade realizada é preciso uma existência inteira. O sábio conhece os ritmos e os tempos da vida, e isso gera serenidade e confiança.

As raízes da audácia

Enzo Bianchi define a paciência como «atenção ao tempo do outro, na consciência plena de que o tempo é vivido no plural, com os outros, tornando-o um evento relacional, de encontro, de amor. Por isso talvez hoje, na era enfeitiçada pelo fascínio do 'tempo sem vínculos' pode parecer tão fora de lugar, e ao mesmo tempo tão urgente e necessário, o discurso sobre a paciência».

Estamos convencidas de que, ser pacientes não significa ser fracos, mas ter descoberto uma nova força interior. É preciso coragem e força para saber manter a calma e a serenidade diante das mais disparatadas situações, sobretudo diante dos imprevistos e dos contratempos, ou diante da frustração de ver desvanecidos os sonhos de há muito acalentados, ou da impossibilidade de realizar adequadamente uma tarefa com a qual nos ocupamos.

Audácia e coragem fazem com que a pessoa não se apavore diante dos perigos, enfrente com serenidade os riscos, não se abata com os sofrimentos físicos ou morais e saiba encarar o perigo, a incerteza e também a intimidação. A audácia é coragem e prontidão para enfrentar imprevistos ou insucessos de modo consciente.

A vida cotidiana é tecida de realidades simples, de uma sequência de eventos que muitas vezes colocam à prova nossa resistência. A postura paciente permite enfrentar, de modo lúcido e determinado, as situações que requerem decisão. Há necessidade de paciência e audácia hoje, sobretudo, para confrontar a fé com a razão e saber dar as razões da própria crença, a quem pede.

Frequentemente acredita-se que a paciência seja uma virtude passiva que se expressa na disponibilidade para esperar. Efetivamente, é capacidade de saber gerir com 'estilo' muitas situações diferentes, sem perder a calma, é coragem de olhar-se com ironia, de não pretender muito de si mesmo e conseguir mandar avante muitas atividades, com serenidade. Na sociedade caótica em que vivemos a paciência é um valor mais do que positivo. É sinal de coragem.

Um espaço comum para compreender-se mutuamente

É interessante colocar-se à escuta do que as grandes religiões consideram em ordem à complementaridade entre paciência e audácia. Isso pode constituir uma base para a comunicação inter-religiosa, hoje essencial. «Há um plano de Deus, que pertence a todos», afirma Gabriele Mandel, muçulmano e pesquisador islâmico, «No Corão há 99 nomes de Deus. O último nome de Deus é o Paciente. O imperativo 'Seja paciente' é constante no Islã. Mas não há dúvida de que a paciência é uma das qualidades essenciais do ser humano. O Corão diz frequentemente: o verdadeiro fiel não é aquele que reza voltado para o oriente, voltado para o ocidente, é aquele que se comporta bem, que respeita os próprios compromissos, que não prejudica os outros, que é paciente. Por isso, a paciência é a chave da serenidade». A paciência é, na acepção judaica, força, resistência, não aceitação das injustiças, segundo o rabino-chefe Laras, que sustenta: «Falando de

paciência vem-nos à mente uma figura bíblica bem conhecida: Jó. O conceito de paciência não está necessariamente ligado à aceitação passiva e resignada das adversidades, antes, diante de alguma coisa injusta, às vezes pode-se e deve-se rebelar. Jó é um homem de fé, mas a sua fé não é silenciosa, é uma fé que reage, que até mesmo discute com Deus e que, precisamente por ter passado pelo teste da razão, acaba desaguando numa fé ainda maior».

«Amanhã será melhor do que hoje»: é a paciência hebraica segundo Riccardo Calimani, escritor hebreu. Provavelmente esta, para os hebreus, é também uma lógica que orienta a vida. A imperturbabilidade, o autocontrole, a não-violência são em vez as características da paciência no hinduísmo, enquanto a benevolência, a compaixão, a tolerância são prevalentes no budismo. «Qualquer ação positiva – afirma um célebre texto budista – pode ser destruída por um só momento de ira». Entre as muitas frases do pensamento oriental, esta sublinha um modo de ser comum às nossas culturas. A ira constitui, de fato, uma das raízes da infelicidade, do sofrimento, da discórdia, da violência.

O antídoto contra a ira é a paciência, que não pressupõe passividade mas, ao contrário, solidez e determinação de caráter.

Para o cristão, a paciência está ligada à fé: é perseverança, fé que dura no tempo e arte de acolher e viver as situações inacabadas. Enxertada na fé em Jesus, a paciência se torna 'força no confronto consigo mesmo' (Tomás de Aquino), capacidade de não se deixar abater pelas dificuldades, de 'permanecer' no tempo, de sustentar os outros com suas histórias. Paciência, perseverança e audácia estão estreitamente ligadas.

Traduzir no hoje uma virtude antiga

São muitos os que acreditam que a paciência não é uma virtude passiva, mas uma atitude sábia e construtiva que acompanha os passos de quem deseja enfrentar a complexidade da vida, sem incorrer em contínuas frustrações.

Há indicadores para "ser pessoas modernas e pacientes hoje", em consonância com a reflexão de muitos estudiosos de psicologia. Enumero alguns:

Evitar esforços inúteis. Se o caminho que se quer percorrer é inviável, é inútil obstinar-se: sentir-se-ia apenas a frustração. É melhor parar, refletir e esperar que chegue a ocasião certa. Decisão e coragem vão bem, mas não quando o objetivo é inatingível.

Não fixar-se sobre um único objetivo. É indispensável ter uma meta na vida. Entre a partida e a chegada há, porém, muita estrada a ser percorrida e, quando se fixa o olhar apenas no objetivo final, arrisca-se perder ocasiões de escolha que podem se apresentar durante o percurso.

Não se angustiar na escolha. Vale, sobretudo, quando estamos lutando para fazer coincidir, da melhor maneira possível, tantos empenhos cotidianos. Aprendendo a fazer situações disparatadas conviverem e a dar prioridade às coisas essenciais aprende-se, seguramente, a ser mais serenas.

Não presumir mudar as pessoas. Esperar que os outros mudem é uma atitude de paciência passiva e negativa que, com frequência, nos habita. É sábio, ao invés, aceitar o fato de que o outro nunca se tornará como quereríamos que fosse.

Redescobrir os lados desconhecidos de si mesmo. O impaciente é muitas vezes uma pessoa dotada, que sabe obter aquilo que quer. Se, porém, falhar é destinado à frustração e ao insucesso crônico: verá a falha como uma derrota, por toda a vida. Paciência é a capacidade de dar-se uma segunda chance, redescobrendo capacidades e talentos escondidos.

Viver o momento presente. Saber assumir como determinante na própria existência o tempo para o outro, para as pessoas que nos são confiadas. Para nós, especialmente os jovens.

Entregar-se a Deus com plena confiança. Não somos executores de ordens, mas desbravadores dos caminhos que levam à liberdade, que levam à comunhão, que nos conduzem uns para os outros e, juntos, para Deus. Como diz Ermes Ronchi, estudioso da ordem dos Servos de Maria, «Deus te confia a ti mesmo e à tua liberdade, e te sustenta com os seus dons para que tu saibas discernir os caminhos a serem percorridos, e se torna para ti coração ardente para que nasça a paixão necessária que sacode o cansaço da caminhada e enxuga os suores da peregrinação».

geteruggi@cgfma.org

SUPLEMENTO DMA

A VOSSA PRESENÇA RENOVA A IGREJA,
REJUVENESCE A IGREJA
E LHE DÁ NOVO IMPULSO.
BENTO XVI

**ENRAIZADOS E EDIFICADOS
EM CRISTO,
FIRMES NA FÉ**



“ENRAIZADO” EVOCA A ÁRVORE
E AS RAÍZES QUE A ALIMENTAM;
“EDIFICADO” REFERE-SE
À CONSTRUÇÃO DE UMA CASA;
“FIRME” REMETE AO CRESCIMENTO
DA FORÇA FÍSICA OU MORAL...
BENTO XVI

No mosaico da Europa

Mara Borsi

Entrevistas com Ir. Marisa Fasano (Itália), Inspetoria Piemontesa, Ir. Anna Gretkierewicz (Polônia) e Ir. Horomsime Khachatrian (Armênia da Geórgia), Visitadoria do Leste da Europa.

Qual foi a experiência pastoral mais significativa para você?

Ir. Marisa

Durante muitos anos trabalhei com jovens dos 14-15 anos aos 20 ou mais, que frequentavam os cursos no *Centro de Formação Profissional* onde eu era, em primeiro lugar, formadora e depois responsável. Encontrei muitas meninas e meninos que tinham claros objetivos a alcançar, desejosos de descobrir o futuro para serem construtores e construtoras de uma sociedade melhor para todos. Encontrei também meninos e meninas que eram "mais difíceis", aos quais a vida havia reservado muitos dissabores e que, com frequência, ali chegavam depois dos seus insucessos, sob o peso de problemas maiores do que eles, com pouca confiança em si mesmos e na vida, desorientados e confusos, mas com muita capacidade, recursos, sonhos, muitas vezes, ocultos para eles mesmos. Com estes jovens procuramos fazer um caminho de crescimento, como também, alcançar competências profissionais. Digo "procuramos" porque sempre compartilho esta missão com um grupo significativo de formadores e formadoras que, diariamente, aposta nestes jovens e dá o melhor de si para "inventar" os modos mais adequados de atingir todos e cada um, no ponto em que se encontram. Para além de muitas palavras, constatamos o quanto seja incisivo para estes jovens, a linguagem dos fatos: "ser", estar com eles, nos momentos informais e naqueles mais empenhativos, para além dos horários ou tempos organizados; perceber cada um deles, no seu ser "único, que não se repete"; crer que cada um deles tem em si grandes possibilidades a serem descobertas e valorizadas.

Ir. Anna

Para mim, a experiência mais forte foi em Moscou (Rússia). Quando cheguei como missionária, a única Igreja católica que o governo devia restituir, era ainda um prédio com vários andares e escritórios. Celebrava-se a S. Missa fora, nos degraus do prédio. Fui testemunha ocular da luta realizada pelos católicos para reaver o edifício do governo. Quando o sonho se realizou, foi comovente ver o povo, com lágrimas nos olhos, ajudar na reforma do prédio. Hoje aquela Igreja é a Catedral de Moscou, renovada, bem cuidada. Os anos vividos ali me deram muita força e segurança.

Ir. Horomsime

Meus poucos anos de profissão e a minha experiência limitada não me permitem dizer muito, mas sou uma entusiasta da missão salesiana.

Que desafios, necessidades, expectativas você encontrou enfrentando o trabalho missionário entre os jovens?

Ir. Marisa

O desafio de todos os dias, um apelo constante para nós educadores e formadores, é descobrir o ponto acessível ao bem, de cada um, valorizar o positivo que sabem exprimir, ajudá-los a construir algo de significativo para o futuro com o esforço cotidiano, fazê-los perceber que são um valor. A complexidade foi uma constante: a heterogeneidade das pessoas e das problemáticas, a relação e a colaboração com a família de referência, não fácil a ser construída, ou ausente, a carência de recursos para fazer frente de modo adequado às problemáticas de cada um.

Nesses últimos anos os nossos grupos tornaram-se interculturais e inter-religiosos: a exigência, portanto, de saber conciliar a acolhida e o respeito pelas diferenças. A atenção ao indivíduo: saber estimular os mais talentosos e sustentar os mais fracos, pois, entre eles se percebem e se ajudam.

A falta de tempo: com tantas coisas a serem feitas corremos o risco de descuidar dos jovens a nós confiados, de não conseguir dar-lhes aquilo de que precisavam e o que esperavam de nós. A expectativa mais ou menos explícita em cada jovem que encontrei: poder inserir-se positivamente na sociedade e ser plenamente feliz, graças à descoberta do sentido da própria vida e a descoberta de Quem pode dar-lhe um sentido pleno.

Ir. Anna

Trabalhei na Rússia e na Geórgia. Nesses países eu observei que os jovens querem ser livres, viver com dignidade, ter um trabalho adequadamente assalariado, não ser explorados, discriminados pela nacionalidade ou religião. O medo do futuro, a falta de sentido, a emigração constituem verdadeiro desafio para a missão, muitos jovens querem partir para ter melhores oportunidades de vida.

Ir. Horomsime

O primeiro desafio com que nos defrontamos é orientar para a busca da liberdade e realização das expectativas juvenis. É indispensável nos Países da ex-União Soviética, contrariar a corrupção, a pobreza, a interrupção de muitos projetos educativos, a burocracia.

Quais sinais de esperança você vislumbra na realidade juvenil do seu contexto?

Ir. Marisa

É mesmo verdade que em cada jovem há um ponto acessível ao bem, também nas gerações do terceiro milênio!

Ir. Anna

O fato de que, não obstante as dificuldades, há jovens que querem conhecer melhor Jesus Cristo, me dá esperança. Pedem para fazer vários encontros formativos: catequese, oração, escola de animadores.

Alguns, quando têm um pouco de tempo livre, vêm à nossa casa, para estar conosco, porque, dizem, sentem-se bem e ficam felizes em nossa companhia.

Ir. Horomsime

O fato de que muitos jovens que conheço valorizem os adultos capazes de educá-los, me enche de confiança e esperança. Esta é uma chance para que uma verdadeira mudança aconteça.

Muitos jovens emigram em busca de uma vida melhor, mas há também os que retornam, porque querem compartilhar com seus concidadãos, a riqueza que adquiriram no contato com outros povos.

PASTORAL

Qual o caminho para a felicidade?

Anna Mariani

Meus queridos filhinhos... perto ou longe penso sempre em vocês. Um só é o meu desejo: vê-los felizes no tempo e na eternidade.

A felicidade dos jovens, era este o desejo e a maior paixão de Dom Bosco.

Uma felicidade que não é fruto de miragens ou fulgurações, uma felicidade que não se compra, procurada no profundo do ser, acolhida como estímulo a "ser mais", conquistada dia por dia com

paciência e constância; tem o sabor do dom e do compromisso, do gradual e do surpreendente, da gratidão.

Não há felicidade sem capacidade de reconhecer, de agradecer. Uma felicidade não consumada no momento, no tudo e logo, em um presente que rapidamente se torna passado e, portanto, "inexistente", mas num "presente sempre presente", no hoje de Deus, que está ao mesmo tempo *"no tempo e na eternidade"*.

O caminho para a felicidade

Educar, para Dom Bosco, é uma "verdadeira experiência espiritual"; exprime-se num amor gratuito que se baseia na caridade Deus, que é manso, paciente, misericordioso, conciliador, confiante, que previne cada uma de suas criaturas com sua Providência, acompanha-a com sua presença e a salva dando-lhe a vida. A procura do bem para os jovens é o desejo que guia e acompanha Dom Bosco, que o leva a interrogar-se sobre eles, a procurar a vontade de Deus e que o impulsiona a fazer sua sede de almas de Jesus *"Da mihi animas Cetera tolle"*.

Dom Bosco - e cada educador e educadora salesiana - tem olhos para ver onde se encontra o jovem, tem sabedoria para ler as suas necessidades, coração para descobrir em cada um deles, um germe de bem e paciência para despertar, em todos, aquele sonho de felicidade que só se satisfaz na descoberta do sentido da própria vida, no encontro com um amigo que o compreende e o acolhe na verdade e na profundidade do ser.

O seu nome é Jesus, o seu Rosto é o do Ressuscitado, o seu coração é o do Bom Pastor que conhece pelo nome, ama, acompanha e enfaixa as feridas da jovem e hodierna humanidade, lugar onde se escuta a sede do infinito e se perscruta o sentido da grandeza do homem, mas também olugar onde se pode colidir com limites imprevistos e imprevisíveis.

Em 1855 Dom Bosco leva a passeio os jovens da Generala, prisão dos menores de então. Um dia inteiro pelos campos e bosques. Os jovens, renunciando à fácil ocasião de fugir, à noite voltam todos para a cela. O ministro Rattazzi recebe Dom Bosco em colóquio e lhe pergunta como faz para ter tanta ascendência sobre os jovens.

Ele responde: *«A força que nós temos é uma força moral. Ao contrário do Estado, que só sabe ordenar e punir, nós falamos principalmente ao coração da juventude. E a nossa palavra é a palavra de Deus»*.

Então, é essencial no sistema educativo de Dom Bosco, a religião que se liga à razão e à *amorevolezza*, uma religião na qual encontramos as razões, o significado da vida, da educação, de todas as pequenas e grandes coisas que se fazem no dia-a-dia.

Deverá ser razoável, não ritualista, simples, essencial, alegre, respeitar a vivência e a linguagem dos jovens, deverá introduzir o jovem na abordagem do mistério que envolve sua vida, a vida dos outros, a do mundo que o circunda. Resume-se em duas expressões: amor de Deus e amor do próximo.

Exprime-se com uma liturgia sóbria, dinâmica que envolve a mente e o coração e abrange toda a pessoa, prolongando-se na vida vivida como dom e serviço.

Domingos Sávio compreendeu muito bem: *Nós aqui fazemos consistir a santidade em estar muito alegres*. Dom Bosco augura aos jovens *Sejam felizes*, daquela felicidade que compreende também os sofrimentos: *um pedaço de paraíso acerta tudo*.

O anúncio de Jesus, coração da educação de Dom Bosco

Clara é a intuição de Dom Bosco: o anúncio do Evangelho é o mais gratuito gesto de amor. Querer bem a uma pessoa é querer o seu bem, é permitir-lhe descobrir que o sentimento profundo de esperança e de sentido que percorre a sua existência precisa encontrar respostas. Em meio à multiplicidade dos discursos, Dom Bosco leva aos jovens a palavra de Deus em um diálogo recíproco que contagia e conquista. Um contágio de fé.

Como se acende uma encostando-a numa outra vela já acesa, assim o jovem acende a sua fé na fé dos seus educadores e educadoras.

A escolha privilegiada dos jovens nos faz redescobrir a urgência de falar de Jesus. Jesus é um amigo importante e sentimos a alegria de dar para todos a mesma amizade. Falamos de Jesus e quereríamos que cada jovem pudesse encontrá-lo no coração da própria existência.

Foi escrito: *Dom Bosco está em união com Deus, vive seu cotidiano como se visse o invisível.*

Realmente, levar os jovens ao encontro com Jesus é o coração da educação salesiana, é dar-lhes razões de esperança no presente e possibilidade de olhar com confiança para o futuro da própria existência.

comunicazione@fmaio.net

MULHERES NO CONTEXTO

As mulheres nas estradas de hoje

Paola Pignatelli e Bernadette Sangma

Pegadas de mulheres nas estradas de hoje

Gostaríamos de pedir às leitoras e aos leitores que se reservassem um tempo de resposta à pergunta, antes de procederem à leitura: percorrendo as estradas de hoje com passos de mulher, que rastros nós vemos...?

Ao confrontar-nos com as crônicas de todos os dias não parece prevalecer uma tendência a acentuar o olhar sobre as situações que apresentam as mulheres, as jovens e as meninas como vítimas...? Esta, porém, não é a realidade inteira! Desçamos, então, às estradas do cotidiano, onde está em jogo a existência de tantas mulheres e jovens, para ouvir as histórias de vida, que emergem, também, da miséria humana.

Fotografias para a descoberta de si

Esta é a iniciativa de uma organização de nome Aawaz-e-Niswaan, com sede no sul da cidade de Mumbai. A atividade é voltada para dezesseis mulheres muçulmanas, mulheres que, precedentemente, não sabiam nem mesmo usar uma máquina fotográfica, mas que o entusiasmo pelo empreendimento transformou em aprendizes rápidas e dotadas.

Falando da qualidade das suas fotos, o seu instrutor Sudhakar Olwe diz que cada fotografia não precisa de nenhum retoque nem na forma nem nas cores. Mais impressionantes ainda são as celebrações alegres da descoberta de si. Uma, dentre as dezesseis é Rubeena, quando finalmente teve a coragem de deixar o marido violento encontrou-se sozinha numa situação deprimente. Para ela a fotografia torna-se uma fonte de sustento. Diz: «Eu bati mil fotos, em três meses. A máquina fotográfica para mim havia se tornado a minha voz e as fotografias as minhas palavras». Concordando com o que diz Rubeena, também Nilofer Shaikh afirma que para ela a arte de fotografar «é o espaço onde pode ser ela mesma».

As fotografias são janelas abertas, em suas vidas. As imagens, projetam histórias das suas existências, jamais narradas. «Ninguém nos pergunta como a vida se manifesta por trás da burca. Por isso, esta é uma oportunidade interessante para apresentar ao povo, o mundo por meio dos nossos olhos» diz Shaikh. A arte de fotografar «me confere confiança ao tomar minhas próprias decisões » acrescenta Rubeena com um sorriso.

De viúvas a pequenas empresárias

Trata-se de um grupo de auto-ajuda promovido por uma ONG diocesana chamada *Bakdil* na localidade de Tura no estado de Meghalaya ao nordeste da Índia. São onze mulheres das quais oito viúvas. A dor comum, pela morte dos seus maridos, torna-se um enredo onde se entrelaçam os fragmentos das suas vidas, dando novos coloridos, renovadas e significativas energias para

continuar a lutar por elas mesmas e pelos seus filhos. Encontram-se periodicamente para programar juntas algumas atividades, que vão desde a venda de roupa, ou de aves, até a produção de pratos, copos e muito mais, seguindo a demanda do mercado local. Em três anos, o grupo conseguiu economizar uma soma de 44.000 rúpias (cerca de 1000 \$) além da renda mensal de 1.445 rúpias (cerca de 33 \$) sem contar a renda de cada membro graças ao crédito que gira entre eles.

Uma “Fada azul” para os cárceres

A Fada é uma mulher chamada Mônica Cristina Gallo, uma mulher de Santo Stefano Belbo, um lugarejo perdido no norte da Itália. O seu projeto se situa no cárcere “Le Vallette” de Turim. Aposta nas presidiárias e na recuperação da feminilidade para a emergência de sua capacidade escondida de fazer e de criar.

Inventa “A Arte Sentada”: um projeto nascido da exigência de salvaguardar e valorizar uma parte da mobília que estava no velho Cárcere “Le Nuove” de Turim, cadeiras de um cinema, destinadas ao lixo.

Cada detenta tem à disposição uma fila composta de quatro cadeiras e, por meio de um processo criativo de *decoupage* ou revestimento alternativo, experimenta a própria técnica com o fim de realizar alguma coisa que responda aos desejos artísticos pessoais. Uma espécie de arte terapêutica, eficaz no restabelecimento psíquico e físico dessas mulheres, que souberam transformar objetos aproveitáveis do mercado em obras de arte pessoal. Mulheres que, como protagonistas, enfrentaram um processo de mudança, também simbólico: uma re-construção, não só de velhas cadeiras abandonadas mas, sobretudo, de si mesmas! Assim, velhas cadeiras renasceram como verdadeiras obras de arte e design, e acabaram nas exposições dos lugares mais prestigiados como o Teatro Regio, o Museu de Antiguidades, Palácio Madama e o Círculo dos Leitores!

As mulheres são criativas!

As histórias coletadas são apenas fragmentos de um grande universo criativo, feito de mulheres. Gotas de um oceano que mostram a riqueza de intuições e a insondável capacidade das mulheres para encontrar respostas adequadas aos problemas reais de suas vidas, da vida de suas famílias e das comunidades. Histórias deste tipo abundam em toda parte!

Em nível de ideias, de conceitos, de estratégias, emerge a originalidade do pensamento feminino capaz de evidenciar aspectos jamais considerados, de gerar novidade.

Como educadoras e como comunidades educativas, descobrimos a genealogia de tantas mulheres que enriqueceram a humanidade com o seu “gênio feminino”, nas palavras de João Paulo II.

O olhar sobre suas vidas e seus exemplos pode ser um precioso recurso do qual extrair inspiração para promover em nós FMA, nas jovens e nas mulheres jovens uma identidade feminina libertada e criativa (cf PF, 22) capaz de dar asas para voar rumo aos picos da humanização plena, do homem e da mulher.

Aceitamos o desafio? Ou nasce exatamente de nós mulheres, aquele sutil senso de inadequação, de humildade enferma ou hiper descrição, que nos faz vítimas antes mesmo de termos dado o primeiro passo, pronunciado a primeira palavra, aventurado o primeiro gesto? Não se trata de promover guerras para defender as “igualdades de oportunidades”, as oportunidades podem também permanecer “dísparas” e diferentes no mundo da diferença e da pluralidade, o importante é crescer na consciência de que “oportunidade” é termo feminino e que, realmente, o ser mulher é assim!

paolapignatelli@hotmail.com
b.sangma@cgfma.org

Água, bem comum

Anna Rita Cristaino

«A água, pela sua própria natureza, não pode ser tratada como uma mera mercadoria entre as outras e o seu uso deve ser razoável e solidário» (Compêndio da Doutrina Social da Igreja n. 485).

A água é um recurso indispensável à vida e, no entanto, corre o risco de se tornar um bem sempre mais raro, a ser pago por alto preço. Já foi rebatizada como *ouro azul* e *petróleo do XXI século*, corre o risco de acabar como protagonista de um negócio que levaria benefícios financeiros quase que exclusivamente às multinacionais, sociedades e especuladores.

No mundo há uma verdadeira corrida para a água. Não obstante a superfície terrestre esteja coberta por 71% de água, 97,5% é água salgada.

O percentual de 68,9% da água doce está contida em geleiras e neves perenes, 29,9%, no subsolo e solo e apenas 0,3% está localizada em rios e lagos, portanto, potencialmente disponível. Na prática corresponde apenas ao percentual de 0,008% da água total do planeta, quantidade decididamente irrisória e distribuída de modo desigual sobre a superfície terrestre.

Sempre mais escassa e sempre mais preciosa, a água está destinada a se tornar a fonte dos futuros conflitos no mundo. No dia 28 de julho de 2010, a assembleia das Nações Unidas em Nova York, tomou uma decisão histórica, aprovando uma resolução que reconhece entre os «direitos humanos fundamentais» o acesso à água potável e aos serviços higiênicos sanitários.

As multinacionais sabem muito bem que o superaquecimento do planeta levará ao derretimento dos campos de neve e das geleiras, por isso boa parte das fontes de água acabarão por rebentar. É por isso que estão procurando lançar mão da maior quantidade possível de água.

Padre Alex Zanotelli, missionário comboniano, que sempre lutou pelos direitos humanos, sobretudo das populações do Sul do Mundo, interpelado sobre a questão da privatização das fontes hídricas e de sua utilização, diz: «As classes fracas do Sul do Mundo, sobretudo os pobres, são as vítimas da privatização da água. Se hoje temos dezenas de milhões de mortos pela fome, amanhã poderemos ter centenas de milhões, pela sede. Torna-se um problema ético-moral e, também, de espiritualidade. Santo Agostinho dizia que a Criação é a Bíblia que Deus nos deu. Ocorre restituir à terra e à água a sacralidade de um tempo. Por isso torna-se fundamental a presença das religiões. Nossa missão é global».

arcristaino@cqfma.org

TESTEMUNHAS DIGITAIS

Estradas e atalhos do continente digital

Lucy M. Roces

Quem já dirigiu em estradas desconhecidas, seguindo as orientações do GPS, sabe quanto seja frustrante e, por vezes desconcertante, encontrar-se diante de um beco sem saída.

Não há outra saída senão fazer a inversão, enquanto a voz do navegador *sat* grita alarmada: «Refazer o percurso!»

Assim também poderíamos nos sentir nos atalhos desconhecidos, e muitas vezes inquietantes, do continente digital, um continente, aliás, em contínuo movimento. Para atravessar bem este terreno, seria preciso entender que orientações operacionais resultam e interpelam a comunidade eclesial. A “juventude” da Rede não permite haver teorias ou práticas estabelecidas, mas trata-se

de adquirir uma atitude de busca e de experimentação constante. Esta “maleabilidade” permite reajustar continuamente não tanto o anúncio, quanto as modalidades e as estratégias.

As gerações de adolescentes e de jovens aos quais somos enviadas “habitam”, é claro, este novo continente. Bento XVI demonstra compreender isso, quando afirma que os jovens encontram-se «em sintonia com estes novos meios de comunicação» e que a eles «cabe em particular a tarefa da evangelização deste continente digital». Não só. Como adultas, encontramos diante de grandes oportunidades para evangelizar e educar no “continente” mais salesiano.

Nômades dos tempos e dos espaços

Para os jovens do mundo digital não existe separação entre os dois mundos: o real e o virtual, mas seria mais preciso falar de “dentro” e “fora” da Rede, de “on-line” e “off-line” da conexão.

As jovens gerações se movimentam em um único ambiente do qual a mídia faz parte constitutiva e integrante. Tarefa nossa, portanto, é compreender “como” eles se movimentam nesse ambiente, como atuam de fato as formas de “adaptação criativa” em função das próprias necessidades, mas também, quais são os limites e as ambivalências.

Segundo Clara Giaccardi – docente de Sociologia da Comunicação de Massa e coadjutora no Escritório Nacional das Comunicações sociais da Conferência Episcopal Italiana, de duas pesquisas *Relações comunicativas e afetivas dos jovens no cenário digital e Identidades digitais: a construção de si e das relações entre as dimensões on-line e off-line* – existe uma «clara continuidade entre a dimensão off-line e on-line da relação: não se constroem mundos paralelos, com relações problemáticas entre eles (substituído, substituição), mas existe um único espaço real de experiência, diferentemente articulado, e unificado pelas práticas e pelas relações». Emerge «uma individualidade relacional» onde o indivíduo «não é considerado um absoluto e nem absorvido pelo grupo, mas constitui de modo relacional a própria identidade, por meio de uma gestão avaliada pelos próprios traços de identidade, na relação com os outros».

O ambiente tecnológico não determina os modos das relações, antes, é a relação que dá forma ao ambiente, unificando espaços diferentes em um único mundo relacional.

Um novo modo de “morar na cidade”

Se das Redes nos chegam “boas notícias”, podemos perguntar-nos quais são, no novo contexto sempre em transformação, as condições para um novo humanismo, para ações, relações e práticas que sejam capazes de aumentar a nossa humanidade, que promovam a pessoa na sua integridade, que deixem espaços abertos para a transcendência sem a qual o humanismo se torna desumano.

Superar a dicotomia que interpreta a Rede como individual/coletivo, público/privado, particular/universal. Ao invés de se opor pode-se aproveitar uma disposição relacional própria dos jovens que constroem um ambiente tecido por narrativas que dizem “Aqui estamos, estou aqui, onde está você?”. «Nem indivíduo nem tribo, portanto, mas círculos que se interceptam, graduação de proximidade num ambiente estruturalmente relacional, onde ser significa ser-com».

Para não ser totalmente absorvidos pela lógica dos dispositivos, é importante ter “um ponto de referência externo à web que permita a abertura de um espaço de liberdade para que a Rede não se torne um refúgio, mas a via preferencial para a vivência da alteridade”. Aquela alteridade que, por si só, como escreve Lévinas, abre a possibilidade para a proximidade e a fraternidade.

Nativos digitais, cultura digital para todos: tem ainda sentido falar de aliança educativa para a web? Hoje, mais que nunca. Um dos desafios maiores, especialmente para quem não é «nativo digital», é não ver na Rede uma realidade paralela, mas um espaço antropológico interligado na raiz com os outros da nossa vida. A Rede tende a se tornar invisível: para estar conectados basta ter um *smartphone* no bolso. A Rede é um ambiente de conhecimento e de relação chamado a integrar-se sempre melhor e virtuosamente no interno da nossa existência cotidiana. O desafio não é o de usar bem a Rede mas o de viver bem no tempo da Rede. (cf Antonio Spadaro, SJ)

Em busca da felicidade

Anna Rita Cristaino

Vigiar deveria ser sempre um ato de humildade... (Guido Piovene)

É interessante passar algumas horas nas estações ferroviárias, ou nos aeroportos. Horas de espera, que parecem vazias, durante as quais se vive um tempo suspenso entre um já – aquilo que estou deixando, mesmo se por pouco tempo – e um ainda não, a minha destinação.

Tudo aquilo que está no meio são quilômetros de estradas, pontes, montes, colinas, nuvens. Então, esperamos o nosso trem, ou o nosso avião, que naquele momento são *o meio de comunicação* mais importante para nós, capaz de colocar em conexão dois pedaços de terra, dois pedaços do nosso mundo, dois pedaços da nossa vida. Há também outros meios de transporte: navios, carros, bicicletas, motos... mas não preveem a espera nas estações e nos aeroportos.

Estes são lugares que não pertencem a ninguém, nem a quem parte, nem a quem chega. Lugares onde, às vezes, dramas mas também comédias, se consumam. Encontros de felicidade, e partilhas de sofrimentos. Pedaços de vida que se cruzam, encontros esperados, despedidas não programadas.

Ficar sozinho à espera do embarque, talvez seja uma ocasião de observar, de entrar sem ser vistos, nas vidas dos outros, mas só como espectadores inofensivos, sem a pretensão de atuar como protagonistas.

Então, leem-se nos rostos das pessoas, que lotam as plataformas ou as salas de espera, toda gama de emoções que cada um tem à sua disposição. Tédio, esperança, ansiedade, alegria, alívio, apatia, amargura, amor, afeto, amizade, raiva, ressentimento, etc. Aquele cruzamento de vidas pode ser casual. Mas, às vezes, parece que alguém chegou ali precisamente para nos encontrar. Então, palavras, olhares, confrontos, tornam-se diálogo, oportunidade de conhecimento e, sobretudo de partilha.

A metáfora da viagem é sempre muito fascinante. Sobretudo quando somos jovens, imaginamo-nos livres para deslocar-nos de um lado para o outro a fim de explorar lugares desconhecidos, outras culturas, pessoas que possam enriquecer-nos com suas vidas. Deixa-se um lugar onde se crê compreender tudo, onde todos nos conhecem, onde pouco é deixado ao estupor. Busca-se um lugar onde, ao invés, pode-se recomeçar. Redefinir tudo. Esperar a chegada da novidade.

Cada esperança de viagem, é como uma tatuagem em nossas vidas. Presenteia-nos com alguma coisa. Também as pequenas viagens empreendidas por necessidade. Também aquelas viagens de quem diariamente se dirige ao trabalho. Sempre novas e sempre diferentes. Em cada viagem, pode-se cruzar, num ponto perfeito e definido, com a vida de outra pessoa. Cada viagem me fala de um momento que é único e que não acontecerá uma segunda vez.

Também a Bíblia é rica de histórias de viagens. Êxodos interiores e exteriores de quem decide deixar o seguro pelo incerto. Caminhos de quem sabe olhar o futuro, como a próxima meta a ser alcançada, não se apoderando daquela já conquistada. Caminhos de quem vive com liberdade.

Observando a vida de cada dia, percebem-se tantas pequenas viagens a serem empreendidas, também aquelas viagens *de pessoa para pessoa*. Paulo sabe disso. Cada dia, muitas vezes ao dia, toma o caminho que o leva a encontrar quem havia decidido ficar na estação, para sobreviver. De quem nada tem para deixar, mas, também, nada para alcançar. Paulo cruza vidas. Muitas dessas pessoas, perdendo o sentido de pertença a um lugar, perderam também o sentido de si mesmas. Elas não partem mais e não chegam mais. Decidiram permanecer no meio do caminho. Para elas os trens são apenas a empresa e os vagões em movimento com ritmos precisos. As pessoas que se apressam em subir ou descer deles são apenas estranhos para os quais são invisíveis. Paulo

não, ele não é estranho. Ele é uma pessoa que, diariamente, faz viagens de amizade, percorre atalhos que levam ao invisível, ou seja, desde o... “é melhor não ver”, até o... “eu te conheço”.

Paulo conhece quase todos por nome. Jorge, ex-advogado, faliu num investimento que o enchera de dívidas, e a mulher o abandonou. Maria não lembra mais o dia em que começou a ficar na estação, e ficou firme. Depois há Giacomo, Raffaella, Marco, Mario. Há os que se organizam para encontrar algo e sobreviver, há os que buscam esquecer o mundo e si mesmos, mergulhando no álcool e na droga. A solidão é o que se lê de modo claro nos seus rostos. Lê-se no seu olhar e percebe-se em cada dobra do seu rosto.

Paulo, e com ele os outros voluntários das múltiplas associações católicas e não-católicas que assumem de coração a sorte de cada um deles, diariamente faz a viagem para penetrar aqueles sulcos de sofrimento e isolamento e, diariamente, o diálogo é o mesmo: “Também hoje você está aqui?”... “Também hoje eu estou aqui”.

vídeo por Mariolina Parentaler

O DISCURSO DO REI — Tom Hooper — Inglaterra 2011

As razões do sucesso deste filme são muitas, tratando-se de uma obra sentimental de rara beleza. A crítica caracteriza-o de modo concorde e recorrente, evidenciando predominantemente três relevos: passa com habilidade do drama para a comédia sem se esquecer de que está relatando fatos reais; é um filme histórico sem a lentidão retórica e maneirista dos filmes de gênero colossal; resulta uma pérola de leveza e de humanidade capaz de envolver o espectador, até o aplauso. A trama, como ensina a história, remete à Inglaterra nos anos Trinta do século passado e diz respeito ao Príncipe Alberto – Bertie, como o chamam afetuosamente em família – segunda geração do rei Jorge V, que fora afetado e afligido, desde a infância, por uma grave forma de gagueira. Destinado a se tornar Rei Jorge VI após a renúncia do irmão, fica aterrorizado, sobretudo, pela necessidade de precisar exercer o poder através da palavra. A ansiedade paralisa-o diante dos microfones da última conquista tecnológica: o Rádio, já insubstituível “soberana”.

Forçado pela urgência da necessidade, deverá recorrer a um excêntrico terapeuta da fala, o australiano, Lionel Logue.

Reconstrução exemplar da época, caracteres e comportamentos adequados à situação, o filme *O discurso do rei*, conquista a plateia como obra inteligente e tocante.

Fascinante investigação sobre o poder

Tom Hooper, 38 anos, diretor inglês, de mãe australiana, realizou este “filme nobre com magnífico visual” com a ajuda de grandes atores, mas sobretudo com o esplêndido roteiro escrito por David Seidler que agora tem 73 anos. Tendo ficado gago desde pequeno durante a guerra, foi estimulado pelos seus pais a escutar os discursos do rei transmitidos pela rádio para que lhe servissem de exemplo e de estímulo para vencer também ele, este obstáculo. Depois de longas pesquisas, nos últimos 90 anos conseguiu encontrar/consultar os diários de Logue – o mítico terapeuta da fala do Rei – e havia pedido à Rainha Mãe a permissão de fazer um filme sobre aquela extraordinária história.

«Por favor, não enquanto eu estiver viva, para mim seria muito penoso» responde a Rainha, e Seidler como monárquico fiel respeita-lhe a vontade, até que em 2002 ela falece e então começa o seu trabalho.

O discurso do rei é um filme histórico, muito emocionante, de grande elegância visual, mas é, sobretudo, uma fascinante reflexão sobre o instrumento da voz e sobre o poder da palavra. O povo tem necessidade de acreditar, de afeiçoar-se a um guia, diz Bertie ao terapeuta. Não conta que esta confiança se fundamenta na realidade, conta que o povo creia nisso. Eis porque o rei – e todo ‘Chefe’ – mais do que aquilo que diz, deve prestar atenção para dizê-lo bem. A narrativa se desenrola de fato entre as representações dos dois discursos mais importantes de Bertie. O primeiro, colocado no início do filme é um verdadeiro desastre: causa piedade e desilusão entre os súditos e os nobres, porque não consegue pronunciá-lo. O segundo, ao invés, com o anúncio ao povo da guerra contra a Alemanha, pertence à sequência final que culmina num crescendo tão envolvente, de arrancar aplausos. Na mesma ótica, o sentido do filme é remarcado também numa cena em que a família real está vendo um cine-jornal que transmite Adolf Hitler enquanto discursa para a multidão, naturalmente em alemão. «Mas o que diz o Führer com todo aquele arrebatamento», pergunta ao Rei Jorge a pequena Elizabeth, de treze anos (hoje reinante). «Não entendo o que ele diz –

responde o pai – mas o diz bem. O filme de Tom Hopper e de David Saidler, contudo, não é só a história otimamente escrita e interpretada por um homem constrangido a vencer a própria inadequação comunicativa. E nem é tão somente a história que foi automaticamente colhida na narrativa mais imediata da sua amizade não convencional com Legue, o terapeuta que conseguirá ajudá-lo. Há outra história mais velada que corre paralelamente e afirma: se é verdade que o poder do político se rege sobre o controle social da palavra e da encenação, é também verdade que quem se serve dela deve fazê-lo respeitando os sentimentos humanos mais verdadeiros: o amor conjugal, o amor pelos filhos, o amor pelo próprio povo, ao qual (como a Longue) deve se aproximar com humildade e confiança, mesmo se não tem títulos de nobreza ou se não for de alto escalão. Um belo filme, para ser apreciado e valorizado.

PARA REFLETIR

Sobre o projeto do filme – “Uma nação que reencontra a voz”: a segunda geração do Rei Jorge V quereria somente fechar-se no silêncio, fazer o mundo esquecer que também ele tem uma voz.

Infelizmente, porém, chega um momento em que ele tem necessidade da sua voz. Uma necessidade desesperadora, visto que o seu volúvel irmão declarara publicamente a decisão de renúncia e de incapacidade para se ocupar dos assuntos da nação

E assim, o rei da voz tartamuda-intermitente, deverá “pedir ajuda”.

Pede-o (e o acolhe) de um de seus súditos, para que, com o seu tratamento o ajude a desenvolver aquela que, na véspera da Segunda Guerra mundial, se revela a “verdadeira capacidade”, a mais importante para o representante da coroa: saber unir os seus súditos com a força persuasiva da voz-palavra. “O microfone da rádio é como a espada de Excalibur, o cetro e a coroa” – sintetiza eficazmente a Revista de Cinema – “porque o poder se exercita, se exprime, se reforça através da comunicação direta e a distância”.

Sobre o objetivo do filme – A capacidade de usar o rádio – como cada um dos instrumentos midiáticos – para a verdade e para o bem, desvelando a realidade humana, concreta e contingente do poder de cada “Rei”.

O rádio constrange Jorge VI a revelar-se assim como é, e transforma profundamente a sua função. Neste sentido representa e promove uma revolução ética corajosa e provocatória, seja na imagem, seja no papel da família Reinante: “Passa de uma expressão mística de um poder Meta-temporal, a símbolo concreto da unidade nacional, com o dever histórico de representar um ponto de referência para unidade da nação”.

O filme interessa, portanto, também como investigação psicológica sobre a “mudança de sentido na ideia de soberania” e a representação da vida concreta de Bertie, o “neo-monarca”.

Hooper é atraído “pelos interstícios entre a esfera pública e as armadilhas da esfera privada”, acentua a crítica, e enriquece o charme de uma direção magistral com emoções/reflexões que fazem dela uma lição de cinema humano e tocante.

ESTANTE VÍDEOS por Mariolina Parentaler

VENTO DE PRIMAVERA – Rose Bosh - França/Alemanha/Hungria 2011

«Há muitos filmes franceses sobre o nazismo e a deportação dos Hebreus – exorta a diretora em sua estreia, na conferência de imprensa – mas nenhum sobre o colaboracionismo e sobre a rusga do Velódromo de Inverno. É um acontecimento do qual fala-se pouquíssimo, se pensarmos que para 14.000 hebreus deportados de Paris e um total de 75.000 mortos nos campos, gastam-se, nos livros de história, pouco mais de três linhas. (...) Só agora começa-se a estudar e elaborar o colaboracionismo». *Vento de primavera* coloca-se, portanto, na tentativa/vontade de construir a lembrança, o mais consciente e coletivo possível. Obra vibrante, envolvente, mesmo se, com marcas emocionalmente difíceis de sustentar.

Paris, 1942. A França é ocupada pelos nazistas, e o regime colaboracionista de Vichy deu início a uma política de dura perseguição aos hebreus. Primeiro a obrigação de usar a estrela amarela, depois a gradual marginalização dos lugares públicos, enfim a destruição dos escritórios estatais: as famílias hebreias, entre as quais a de Schmuél Weismann, professor, de sua mulher Surah e de seus três filhos, tentam adaptar-se às duras limitações que o governo lhes impôs. Mas nenhum deles está realmente preparado ao que está para acontecer: junto com os ocupantes alemães, o governo de Pétain planeja e executa uma maciça obra de deportação. Na noite entre 15 e 16 de julho, 13.000 hebreus parisienses são tirados de suas casas e presos no Velódromo de Inverno, onde foram empilhados em condições higiênicas e sanitárias precárias. Mas é uma destinação provisória, que verá as famílias conduzidas, primeiro ao campo de concentração

francês de Drancy, na periferia da capital e, finalmente ao campo de Auschwitz, do qual a maior parte deles não retornará.

A obra reveste um alto valor pedagógico, mesmo se, como em outras ocasiões, o tema permanece extremamente difícil de ser enfrentado entre impossível realismo e comoção dominante. Mas é preciso tentar.

AMOR ESCURO – Antônio Capuano – Itália 2010

O autor Antônio Capuano é um hábil cineasta napolitano que, há mais de vinte anos, narra a vida da sua cidade natal e, em particular, a dos adolescentes da periferia que vivem em condições de degradação e prevaricação. A trama se abre sobre imagens confusas e desfocadas tomadas dos telefones celulares de quatro jovens em fuga, em suas motos. Eles estão voltando, depois de passarem um domingo desenfreado no mar, e ficam à espreita de um casal que troca carinhos no carro.

Ali está Irene, uma coetânea, boa menina, de Nápolis. Quando ela fecha a porta do carro eles intervêm e, agressivamente provocam uma abordagem, que termina em violência e estupro coletivo. No dia seguinte um deles (Ciro – 16 anos) entrega-se e dá os nomes dos outros componentes do bando. O restante do filme relata o seu lento e tocante percurso de ‘redenção’ que percorre a experiência sofrida no cárcere, em Nisida onde ficou preso para cumprir a pena de dois anos de reclusão.

Em montagem paralela desenvolve-se a experiência de Irene, no seu percurso de dor e sentimento de culpa, dentro de “um corpo diferente, a ser aceito”, que a afasta de todos: família, amigos, namorado. A aproxima em vez misteriosamente a Ciro.

Amor escuro (título belíssimo) é outro retrato sugestivo, poético e doloroso de dois adolescentes, separados e distantes pela condição social e pelos costumes, «irremediavelmente atraídos como só os opostos sabem ser, acabando por não encontrar-se» - escreve a crítica.

São capazes de se alcançarem só com um olhar através das grades do cárcere, nas estradas de São Francisco, para onde Irene foi transferida. A obra é vista, valorizada e proposta, sobretudo em âmbito educativo, para debates com adultos e jovens.

ESTANTE LIVROS por Adriana Nepi

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO - Carlo Lorenzini

Resulta que muitos dos nossos jovens não leram o famoso livro de Collodi (pseudônimo do escritor Carlo Lorenzini). É um livro que já interessa mais aos adultos (existe sobre ele uma rica literatura interpretativa) do que às crianças, que preferem os desenhos animados. Como é possível que uma história nascida da prosaica necessidade de pagar as dívidas tornou-se, quase por acaso, uma obra-prima? Uma história com epílogo abertamente moralista (quem não achou um pouco decepcionante o bom menino que se vangloria diante do pobre boneco abatido sobre uma cadeira?) e ainda imune do tédio dos livros didáticos de antigamente. O relato transcorre aqui com a naturalidade das coisas vistas em sonho: um grilo falante e os soldados que o perseguem, meninos preguiçosos transformados em burros, a fada dos cabelos azuis com um caracol, como porteira. Uma história onde a lógica pode ser tranquilamente sacrificada às exigências dos pequenos leitores. Foram de fato os seus protestos, quando o boneco acabou morrendo por enforcamento, que obrigaram o autor a ressuscitá-lo num episódio sucessivo do *Jornalzinho*. Onde, quando se desdobra a narrativa? Falta uma ambientação histórica, assim como acontece nas fábulas. E ainda, os personagens são “verdadeiros” e encarnam, no bem e no mal, sentimentos e paixões universais: o amor paterno, que transforma o temperamental Geppetto em um pai afetuoso e paciente uma vez que deu vida ao seu boneco, a generosidade volúvel e inconstante dos meninos; a força de sugestão do mal, a maldade esquálida e astuta dos malvados. Em suma, um livro que vale ainda a pena ler ou... reler.

DEIXEMOS VOCÊS À VONTADE

Ensaio sobre a liberdade de não estudar - P. Mastrocola – Ed. Guanda 2011

Encontra-se, neste ensaio com tonalidade simpaticamente provocatória, a mesma vivacidade, o mesmo feliz imediatismo que caracteriza as obras narrativas da autora. O livro articula-se em três partes: a primeira

descreve a escola de hoje, a começar pelo fato de que se organizam cursos de ortografia para os estudantes universitários; a segunda percorre o último meio século para interrogar-se “como foi?”, ou seja, como pudemos chegar a este ponto; a terceira afronta o “que fazer?”. E eis, declara a autora, a “minha modesta proposta”, muito pessoal e contra-a-corrente. Começa-se a limpar o terreno a partir de três equívocos, três pedras, como os denomina. Primeira: uma coisa é a obrigação escolar, outra a escola secundária obrigatória. Muitos “secundaristas forçados” frequentam hoje a escola. Segunda pedra: o difundido preconceito de que o diploma conseguido para um trabalho manual seja menos honroso, e que as artes sejam menos “nobres” do que as profissões. Terceira pedra: a escassa atenção aos poucos que gostam de estudar, os quais têm realmente o direito a um estudo sem rodeios. Então, voltar para uma escola elitista e discriminatória? Não, mas uma escola que não seja apenas funcional ao útil: o trabalho, a posição social, o salário; seja um lugar onde cada qual possa tornar-se aquilo que é, seja verdadeiramente livre para escolher, de onde possa sair um operário ou um artesão que, voltando para casa satisfeito depois de um trabalho bem executado, seja também capaz de gozar ao ouvir uma sintonia de Mozart... Uma tal escola, é claro, só poderia brotar de uma sociedade restaurada. Mas sonhá-la é o primeiro passo para começar a mudá-la!

O LIVRO

Há crocodilos no mar

Pela Equipe Editorial

«O fato, eis, o fato é que não esperava que você fosse embora de verdade».

Assim se inicia o livro de Fábio Geda que conta a história verídica de *Enaiatollah Akbari*, menino afegão que, com a idade de aproximadamente dez anos, é abandonado pela mãe. Um abandono que é um ato de amor, o gesto de uma mãe que, consciente do destino do filho na pátria, tenta oferecer-lhe um caminho de fuga e uma esperança.

A culpa de Enaiatollah é a de ter nascido no lugar errado no momento errado. O seu País é o Afeganistão, ele é um *hazara*, a etnia odiada pelos *talebãs* mas também pelos *pasthun*. E quando os *pasthun* reclamam Enaiatollah e seu irmão para fazê-los trabalhar como escravos, como compensação pelos bens perdidos pelo pai, assaltado e morto durante o trabalho, a mãe procura escondê-lo como pode. Mas chega o dia em que Enaiatollah está muito grande para encontrar abrigo no buraco escavado no quintal e sua mãe compreende que não há mais tempo, que deve dar a este filho uma esperança de vida, mesmo se longe dela e do seu País.

Começa, assim, uma terrível odisseia para aquele menino que se encontra sozinho sem dinheiro e sem a mínima ideia do que fazer, senão o desejo desesperado de viver e de manter a fé nos três ensinamentos que a mãe, antes de voltar para o Afeganistão com os outros filhos, lhe havia dado como regra de vida: nunca usar drogas, não usar armas para ferir outro ser humano, não roubar mas, ganhar a vida com o trabalho. Regras que um menino de dez anos promete cumprir e que, não obstante as terríveis dificuldades que deverá superar, Enaiatollah observará sempre.

Há recordações terríveis na mente daquele menino fruto da violência que o cercou no seu País e que pôde ver com os seus olhos, assim como quando viu os *talebãs* matarem o seu professor acusado apenas de ter se negado a fechar a escola. Mas nele não há desânimo, há desejo de ter sucesso, de começar uma nova vida, fazendo os trabalhos mais humildes e cansativos, sempre com o sorriso nos lábios e gratidão por aqueles que lhe davam um sofá ou um pouco de comida. Ele começa a ter relações de amizade com outros meninos *hazara* que também estavam sozinhos e obrigados a sobreviverem pelo trabalho. Em busca de uma situação melhor, ei-lo indo ao Paquistão e alcançando de modo incrível o Irã onde ouvira dizer havia mais possibilidades de trabalho. Desde o começo do livro ouvimos falar de traficantes de homens, pessoas que, por dinheiro (muito para os desesperados) transportam as pessoas de um Estado para o outro.

No Irã, espera-o num determinado local, o pesado trabalho em companhia de outros pedreiros, todos clandestinos como ele e todos gentis como ele. O posto de trabalho torna-se a sua casa e a sua prisão porque ninguém saía dali por medo de ser preso pela polícia, organizavam-se em turnos apenas para buscar a comida. Vários acontecimentos e a violência das instituições, os espancamentos feitos por agentes da polícia, cenas terríveis que veremos repetir-se em todos os lugares por onde Enaiatollah deverá passar para procurar um espaço no qual viver.

É preciso não esquecer que a história relatada neste livro é verdadeira, que o protagonista é um menino e que as provas que enfrenta são tão dramáticas que só alguns conseguem superá-las. Do Irã à Turquia, medidas tomadas com os mais disparatados meios e com o duplo risco de ser descoberto e mandado de volta ou de perder a vida.

Depois da Turquia a difícilíssima passagem para a Grécia: aqui a morte esteve realmente perto e alguns meninos, companheiros de uma terrível travessia num barco de borracha, encontraram a morte. Se as instituições sempre se demonstraram hostis, algumas pessoas, ao invés, demonstraram humanidade diante deste menino, educado, assustado e terrivelmente só.

Exatamente estes encontros poucos, mas fundamentais, permitiram a Enaiatollah chegar finalmente a Turim, encontrar uma esplêndida família que o acolheu com afeto e finalmente entender que era o momento de parar e de construir o futuro. É tocante ao leitor todo o processo para obter a permissão de permanecer como refugiado político.

Fábio Geda, neste texto, soube coletar as lembranças do protagonista e restituí-las ao leitor com a mesma força narrativa de um romance, respeitando o olhar e as verdades.

O relato é preciso e as imagens evocadas relatam também os aborrecimentos, o medo, as esperanças, a dor... e, depois, a confusão de uma situação vivida no limite da resistência humana. O livro é uma tentativa dialógica e entusiasta de re-costurar os pedaços de uma história pessoal, a de Enaiatollah Akbari, arrancado para fora dos eventos dramáticos da história recente, entre o Oriente Médio e o Ocidente.

Fragmentos de vozes, de rostos, de acontecimentos espalhados nas estâncias da memória, na procissão da vida. Em uma viagem, mapa na mão, que Enaiatollah re-percorre também quando esquecer seria mais simples, e que ele relata, re-relata, sobretudo a si mesmo, mas com a esperança de que todos o ouçam.

Durante uma entrevista para a apresentação do livro, um jornalista pergunta a Enaiatollah Akbari: *"Do que você sente mais falta, de sua infância? O que gostaria de encontrar também aqui?"*

Ele responde: «Talvez a simplicidade e a amizade, daquele jeito que nós a entendemos, pois, também aqui faço amizade com os meus compatriotas, mas durante a minha viagem o amigo se fazia também irmão, pai, até mesmo mãe. Tomava cuidado de você, quanto possível. A mesma coisa fazíamos nós, dando-nos as mãos. Como estávamos sós, cada um se preocupava com o outro».



**NÓS FAZEMOS CONSISTIR
A SANTIDADE
EM ESTAR MUITO ALEGRES
(DOMINGOS SÁVIO)**

A magia das palavras

Falamos muito. Às vezes muito e inutilmente, umas das outras. Sem amor. Quanto sofrimento nasce no coração de algumas de nós, quando ouvimos críticas, juízos que não reconhecemos totalmente justos e verdadeiros, sobre a nossa realidade e o nosso modo de agir.

Por ocasião de sua mudança de casa, uma FMA escreveu: «...ouvir que, de mim, a nova comunidade já sabia "alguma coisa", que os meus limites, a minha "fama" já me haviam precedido, tornou-me mais difícil a possibilidade de mudar realmente, paralisou-me um pouco... eu gostaria de recomençar!».

Dom Bosco insistia muitíssimo sobre este aspecto da comunicação: afirmava que a murmuração era um dos maiores inimigos da casa. Todas nós sabemos o que ele escreveu nas Memórias Biográficas:

"O descontentamento produzido pela murmuração afasta da vida religiosa" (XI, 517). "Desejo que saibam e acreditem que, com a palavra murmuração, eu não entendo somente o falar mal de alguém, mas toda fala, todo tema, toda palavra que possa diminuir, num companheiro, o fruto da palavra de Deus ouvida" (III, 49).

E por isso vale a pena refletir sobre estas esplêndidas palavras de Ferdinando Ebner: «A palavra justa é sempre aquela que traduz amor e que tem em si o poder de abater as muralhas chinesas. Cada desventura humana sobre a terra depende, então, do fato de que os homens raramente são capazes de pronunciar a palavra justa. Se fossem capazes, evitariam a desgraça e o sofrimento das guerras. Não existe sofrimento humano que não possa ser evitado graças à palavra justa, e não existe nas várias desgraças desta vida nenhuma consolação autêntica, senão aquela que vem da palavra justa. A palavra dita sem amor é já um abuso humano do dom divino da palavra. A palavra que diz amor, é eterna. O amor de Deus, que criou o homem mediante a palavra na qual estava a vida para redimi-lo, fez-se "objetivo" na "palavra", ou seja, palpável aos sentidos, histórico, na encarnação de Jesus e na palavra do Evangelho» (F. Ebner).

Devemos ouvir o apelo e sentir o dever da "revolução humana": a do amor! Mudar o mundo é mudar a si mesmo. Todas as palavras são inúteis se esta noite, amanhã formos como ontem.

É sempre necessário entre duas palavras escolher a mais frágil, a menor, a mais pura, a mais afável...

a

NO PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ:	<i>Testemunhas de esperança</i>
PRIMEIRO PLANO:	<i>Passo a passo</i> Lado a lado com os jovens
EM BUSCA:	<i>Mulheres no contexto</i> A esperança é mulher
COMUNICAR:	<i>Testemunhas digitais</i> Vinho novo em odres novos

NA TUA PALAVRA

*ELE AINDA VAI
DEVOLVER O SORRISO
AOS TEUS LÁBIOS,
NELES COLOCARÁ
CÂNTICOS
DE EXULTAÇÃO.*

JÓ 8,21

